

Política

Livramento

Maria Cristina Fernandes



Fez muito bem o presidente Luiz Inácio Lula da Silva suspender as audiências que se acumulam em seu gabinete para comparecer ao velório de Pelé. Santos foi tomada por um público superior a 230 mil pessoas e para lá se deslocaram 1.190 jornalistas de 32 países.

A posse de Lula atraiu mais do que o dobro de sua primeira investidura, em 2003. Foi uma multidão bem maior do que aquela reunida pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (100 mil) em 7 de setembro do ano passado, mas, ante o velório de Pelé, Lula foi súdito. Atraiu 407 jornalistas de 16 países e cerca de 150 mil pessoas.

Os números são uma tentativa tacanha de colocar números na diferença entre dois sentimentos, emoção e alívio. Ao reverenciar Pelé, compartilhando da emoção que só a morte é capaz de despertar, Lula o reconhece como o único símbolo que hoje une a nação.

O que não deixa de ser um bom começo para reconhecer os limites dos muitos simbolismos de sua posse. Alguns, como as cores trocadas nas gravatas dele e do vice, Geraldo Alckmin, foram dirigidos ao conjunto do eleitorado.

Assim também o foi a fileira de cadeiras na posse do novo ministro da Advocacia-Geral da União. Pela ordem, sentaram-se o ministro Gilmar Mendes, Jorge Messias, sua esposa e a ex-presidente Dilma Rousseff.

Mais do que antecessor de Messias no cargo, Gilmar foi o ministro que suspendeu a posse de Lula na Casa Civil quando veio à tona a gravação do ex-juiz Sérgio Moro em que Dilma dizia ao seu antecessor que "Bessias" levaria o termo de posse para que ele assinasse.

Velório de Pelé ensina a diferença entre emoção e alívio

Outros simbolismos foram dirigidos ao público que lotou a Praça dos Três Poderes, como a presença de dois integrantes da vigilância da Curitiba na comitiva que subiu a rampa. Mas foi o conjunto da trupe que deu a estampa do país cobalido pelo bolsonarismo que volta ao poder.

A simbologia visa a transformar o alívio em emoção. Tanto um quanto o outro, porém, por mais bem manejados que sejam pelo marketing presidencial, têm prazo de validade se não forem acompanhados de entregas.

Pesam contra os sinais que tráfegam na contramão. Primeiro veio a medida provisória que prorrogou a desoneração de combustíveis, contrariando o que o ministro da Fazenda havia anunciado, e depois, a revisão da reforma da Previdência, anunciada por um ministro e desmentida por outro.

Outras dependem apenas do presidente eleito. Tome-se, por exemplo, o momento mais emocionante do discurso, quando Lula falou das crianças de semáforo e comparou a fila do osso dos famintos com aquela de milionários por um jatinho.

Lula enxugou as lágrimas com a mão dos quatro dedos e produziu uma das imagens mais impactantes da posse. Horas antes, porém, o presidente havia passado a noite de réveillon com o dono de um desses jatinhos, o dono da QSaúde, José Seripieri Jr, seu caronero para a COP27.

Lula tem o direito de escolher com quem passa a noite de réveillon, mas todos que se emocionaram com seu discurso

dependem do SUS ou dos planos de saúde. E seu comportamento aumentará a vigilância sobre a regulamentação dos planos, a começar pela cobrança para que o SUS cobre o ressarcimento que lhe é devido.

Em mais uma demonstração de que a simbologia tem um preço foi a cobrança de demarcação de terras por Raoni Metuktire. No dia seguinte à posse, o cacique já mostrou que não aceitará a função de figurante de rampa.

No conjunto de atos assinados por Lula no dia da posse, porém, a pauta ambiental foi a mais contemplada, juntamente com a do desarmamento. Faltou a autoridade climática, que tem no ex-diretor do Serviço Florestal Brasileiro, Tasso Azevedo, o mais cotado pela bolsa de apostas, mas ainda não foi formatada.

O presidente começou acelerado, com 52 decretos e 4 MPs, o maior da posse. É um recorde previsível em se tratando de um sucessor de Jair Bolsonaro. É uma avalanche. Com tropeços, mas alguns rumos.

No desmonte da Funasa, que pode vir a se estender para outros órgãos, como a Codevasf, está embutida a estratégia de remanejar as funções para a administração direta com o objetivo de aumentar o controle sobre suas ações.

Esta parece ser uma das lógicas que guia a concessão de cargos aos novos aliados do União Brasil, PSD e MDB. A outra é de explicitar a permanência dessas legendas ao apoio parlamentar de seus integrantes. Com isso, todos os ministros do União, até aquele que ainda está por se filiar, Waldeir Góes, figuram no topo da lista de demissíveis.

Até lá, caciques partidários que almejam seus feudos ficam sujeitos às intempéries da nova ordem. O discurso da Câmara, Arthur Lira (PT-AL), por exemplo, além de ter visto o orçamento secreto se reduzir pela metade, foi vaiado na posse do ministro das Relações Institucionais, Alexandre Padilha, mesmo ausente da cerimônia. Se emplacar aliados no governo, já o fará mais desdreadado.

O risco que Lula não pode correr é o de que este critério seja usado para reduzir a amplitude de sua aliança de governo. Com as 11 Pastas que ocupa e a voz crescente de seus dirigentes em decisões do Executivo, o PT corre o risco de se transformar num "PC chinês". Agiganta-se em seus poderes não apenas sobre o governo, mas também sobre seus próprios filiados.

Se Fernando Haddad foi derrotado no embate interno da desoneração dos combustíveis, Luiz Marinho, do Trabalho, acabou tendo suas declarações sobre a reforma trabalhista vitaminadas pela presidente do PT, Gleisi Hoffmann.

Enxergam-se as digitais do partido, ainda, nas pretensões, expressas pelo ministro da Casa Civil, Rui Costa, ao "Roda Viva", de descompartimentar com a ideia de um único mandato para Lula.

É a perspectiva de suceder a Lula que leva o time de presidências deste governo — Geraldo Alckmin, Fernando Haddad, Simone Tebet, Marina Silva e Hívio Dino — a se esforçar ainda mais em suas entregas.

Quanto melhor for o governo, maiores as chances de Lula fazer o sucessor. Quanto melhor se desincumbirem de suas tarefas, maiores as possibilidades de o escolhido pelo presidente ser um deles. A quebra deste liame engrossará a oposição.

O mandato único é um compromisso público do presidente e do qual depende, em grande parte, o sucesso de seu governo. A avidez dos correligionários é proporcional ao desejo de manutenção dos espaços conquistados na montagem dos ministérios.

Por isso se apressam em desdizer o presidente. Conter esta avidez é tão crucial quanto barrar a sanha dos aliados. Não há simbolismo que de conta do naufrágio desta promessa.

Maria Cristina Fernandes é jornalista do Valor. Escreve às quintas-feiras. E-mail: maricristinafernandes@valor.com.br

Marina diz que meio ambiente está no 'mais alto nível de prioridade'

Daniela Chiaretti, Cristiane Agostine e Murillo Camarotto De Brasília

"É impossível cuidar da maior floresta do planeta sem a participação da sociedade", disse a ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima Marina Silva, ao tomar posse no cargo, 15 anos depois de ter saído do governo. "A política ambiental está no mais alto nível das prioridades brasileiras", constatou, na mais concorrida cerimônia de posse de um ministro do governo Lula até agora.

A deputada eleita (Rede-SP) mencionou as secretarias do MMA (que muda de nome mas continua com a sigla antiga), sem dar os nomes dos novos ocupantes. Houve, contudo, uma ambiguidade durante o agradecimento às autoridades presentes ao evento — com vários ministros do novo gabinete do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o vice-presidente Geraldo Alckmin e a esposa de Lula, Rosângela Lula da Silva, a Janja.

O biólogo João Paulo Capobianco será o secretário-executivo de Marina. Ele já ocupou o posto na primeira passagem da historiadora acreana pela pasta, entre 2003 e 2008. Na nominata foi citado como secretário — e a plateia entendeu a mensagem. Os nomes dos outros principais cargos do MMA, como Irama e ICMBio, contudo, ainda não estão consagrados. As escolhas ainda dependem de acomodações políticas de partidos da base aliada, como o PV.

O discurso levou mais de uma hora. "O povo brasileiro teve sabedoria de estancar a barbárie", começou Marina, sobre a eleição do presidente Lula, ressaltando o papel da frente ampla na "vitória da democracia". Depois, buscou o apoio para as dificuldades que virão: "A tarefa de cuidar do meio ambiente é do povo e é uma missão política".

"O que vimos nesses anos que passaram foi um completo desrespeito pelo patrimônio socioambiental brasileiro", disse ela, citando a invasão das terras indígenas e dos territórios quilombolas e de unidades de conservação — "atacadas por pessoas que se sentiam autorizadas pelo mais alto escalão do governo". Seguiu: "Boiadas se passaram no lugar onde deveriam passar apenas políticas de proteção ambiental".

Marina deu alguns recados explícitos. Disse à presidente da



Marina discursa: "Boiadas se passaram no lugar onde deveriam passar apenas políticas de proteção ambiental"

Agência Nacional de Águas (ANA) Verônica Sánchez, que "seu mandato será respeitado". O setor de saneamento tem criticado a volta da ANA ao Meio Ambiente.

Ela reiterou o compromisso com o desmatamento zero no governo Lula. Disse que o ministério não será um freio ao desenvolvimento. "O papel do ministério não é se enterrar a justas expectativas de desenvolvimento econômico, mas de um facilitador sem perda de qualidade para que essas demandas sejam atendidas com a necessária proteção".

Fez forte aceno à cooperação internacional, dizendo que irá atuar para que o país deixe de ser "pária" e volte a ter destaque na geopolítica. "Que agente deixe de ser o pior cartão de visita para os nossos interesses estratégicos e passe a ser o melhor cartão de visita".

Comemorou o retorno do Fundo Amazônia, mas ponderou que o Brasil tem enormes desafios para cumprir as metas do Acordo de Paris.

Marina anunciou que a autoridade nacional climática deve ser criada até março. Adiantou que a proposta de criação da autarquia, que terá perfil técnico e cerca de 60 postos, deve ser enviada ao Congresso até o fim de abril.

Não mencionou seus antecessores Ricardo Salles e Joaquim Leite, ministros de meio ambiente de Bolsonaro, mas fez várias referências à resistência dos servidores públicos em fazer a agenda avançar. "Quando tudo falha, o que fica são as instituições públicas fortes".

"Não vamos fazer a agricultura de baixo carbono da noite para o dia, não é mágica. Não vamos conseguir fazer a transição energética da noite para o dia, não é mágica", avisou. "É trabalho".

Mencionou várias vezes que a agenda climática e ambiental é uma prioridade do presidente Lula e deixou claro que ele comandará a agenda, agora transversal no governo. "Não é retórica. A inércia climática se impõe".

O vice-presidente Alckmin fez uma fala breve para manifestar o apoio a Marina. Pela manhã, ao assumir o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Alckmin discorreu longamente sobre estimular mais sustentabilidade na indústria. "Foi uma fala impecável, longa e necessária. Obrigada pela sua coragem, lealdade e solidariedade", disse a ministra.

Veio do ministro da Casa Civil, Rui Costa, um sinal da possível mudança da trajetória ambiental do governo. Ele disse que o MMA será convidado a participar da concepção e de elaboração de projetos desde o início e não só depois do projeto pronto. "Vocês inverter isso", prometeu. "Você terá em mim e nos outros ministros parceiros para que o Brasil se consolide como uma referência ambiental".

Só os negacionistas não reconhecem o imperativo dessa agenda", concluiu Marina, de volta, 15 anos depois. Foi ovacionada.

Alegria da posse expurga 4 anos de sombras

Análise

Daniela Chiaretti De Brasília

O público impressionante que transbordou o salão nobre do Palácio, ontem à tarde, na posse mais concorrida da Esplanada, se manifestava em catarse. A alegria em torno da cerimônia que tornou Marina Silva ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima era também o expurgo de quatro anos de sombras vividos por ambientalistas, servidores do MMA, do Ibama e do ICMBio, parceiros de outros governos, cientistas, indígenas, seringueiros, quilombolas, ribeirinhos. Foi também sinal da força que a pauta ambiental conquistou nos 15 anos de ausência de Marina no Executivo. Que ninguém se iluda — as batalhas começam agora. Volta-se, contudo, a embates normais, de Terra redonda.

A historiadora acreana também não é a mesma de 20 anos atrás, quando ingressou no MMA no primeiro governo Lula. Seu olhar político segue passando invariavelmente pela floresta, mas está fortalecido. Marina defende agora o desmatamento zero, mas sabe que só conseguirá a meta se os ministros Fernando Haddad e Simone Tebet, entre outros, a ajudarem a estruturar incentivos que façam com que os que podem desmatar legalmente, não vejam nisso um bom negócio.

Mais do que nunca a ex-senadora que queria ser freira, virou professora e acabou ministra, quer os legais fora do páreo. Sabe, contudo, que a agenda não pode ser só de "comando e controle", ou não irá vingar em um Brasil mais empobrecido, com o Estado mais quebrado e a sociedade, mais polarizada. "Não há mágica", disse no discurso.

Marina sabe, contudo, que a luta ambiental é dura, confronta interesses fortes, deve construir novas lógicas de desenvolvimento e senso de prosperidade. A jornada apenas começa, e ela precisa do apoio do povo e do governo, ou a mudança não irá acontecer. "Muitos vieram de longe para estar presentes no novo momento da gestão socioambiental no país", disse e abraçou a plateia. Várias vezes elogiou a resistência dos servidores que levaram a agenda a frente, apesar das perseguições. "A tarefa de cuidar do meio ambiente é do povo e uma missão política".

A ministra também enalteceu os pares: "Discurso arrebatador, retumbante, já tivemos muitos. O do ministro dos Direitos Humanos, Silvano Almeida, é o mais bonito que já ouvi", reconheceu. Dirigiu-se à presidente do PT, Gleisi Hoffmann, e pediu: "Esse

discurso, aliás, deveria ser editado e mandado a todos nós, para ouvirmos mais de uma vez".

A grande mensagem de Marina, contudo, foi de lembrar aos outros ministros, que a prioridade ambiental e climática está dada pelo presidente Lula, e é ele quem irá comandar essa agenda. "O anúncio de empossar Marina Silva é uma demonstração inequívoca que o compromisso do presidente Lula, inclusive com sua ida à COP do clima, é sério", diz Adriana Ramos, do Instituto Socioambiental. "Foi suficiente para fazer com que a Alemanha anunciasse novos recursos para o Fundo Amazônia mesmo antes de o governo colocar qualquer ação em campo", segue. "Isso só é possível porque há esse reconhecimento em torno dela".

Os desafios, agora, são gigantes. É transformar, por exemplo, a agricultura de baixo carbono no modo de produzir do país.



Com o VALOR DIGITAL, você aproveita as últimas notícias sobre economia e negócios onde e quando quiser.

ACESSE: VALOR.COM.BR